

5

10

## **Ante-Projecto de Resolução Política**

15

### **Assembleia do Sector Intelectual de Coimbra**

**23 de Abril de 2022, 14h30**

20

**Casa da Cultura, Coimbra**

25

30

35

40

## **Introdução – Breve caracterização da situação política**

### **45 1. Áreas de actividade e profissões intelectuais**

#### **1.1 Educação e Ensino**

##### **1.1.1 Ensino articulado**

##### **1.1.2 Professores e Educadores**

### **50 1.2 Ensino superior e Investigação**

##### **1.2.1 Docentes do Ensino Superior**

##### **1.2.2 Trabalhadores Científicos**

#### **1.3 Justiça e acesso ao Direito**

##### **1.3.1 Advogados**

### **55 1.4 Cultura e artes do espectáculo**

##### **1.4.1 Trabalhadores das artes**

### **2. A Intervenção social dos intelectuais, as suas organizações e a acção do Partido**

### **60 2.1 As lutas e a ligação às massas**

#### **2.2 Organizações sindicais**

#### **2.3 Outras organizações de carácter sócio-profissional**

### **3. O Partido: intervenção e tarefas**

### **65 3.1 Trabalho de direcção**

#### **3.2 Organização do Partido**

##### **3.2.1 Os subsectores**

##### **3.2.2 As células**

#### **3.3 Trabalho político unitário**

### **70 3.4 Fundos**

#### **3.5 Informação e propaganda**

75

80

## Introdução – Breve caracterização da situação política

85 No período que decorre desde a última Assembleia do Sector Intelectual, a 25 de Junho de 2016, foram múltiplas as transformações ocorridas nos vários campos de acção deste Sector e seus subsectores, transformações estas iniciadas no quadro da situação política decorrente das eleições legislativas de 2015 – com a **derrota da coligação de direita** e constituição de Governo do PS, mediante posições conjuntas com o PCP, PEV e BE.

90

Este período, decorrente entre 2015 e 2019, viu avançar a **reversão da ofensiva da Troika nacional e estrangeira**, em grande medida assente na intervenção do PCP e também do PEV, não somente a partir das posições conjuntas assinadas com o PS mas também mediante a proposta interventiva e consequente em sede de negociação do Orçamento de Estado naqueles anos. Assim, foi possível reverter algumas medidas mais gravosas, como o pagamento de subsídios por duodécimos, parte das cativações, aumentar extraordinariamente pensões e salário mínimo, reverter a privatização dos serviços de Metro em Lisboa e Porto, da CP e ainda da TAP, avançar com a gratuidade de manuais escolares, criar contratos para investigadores pós-doutorados e avançar com um programa de regularização de trabalhadores precários na função pública, criar um melhor regime para os trabalhadores a recibos verdes, entre muitas outras medidas positivas, ainda que muitas vezes executadas de forma insuficiente.

Com as eleições **legislativas de 2019** deu-se a primeira alteração de fundo a esta fase política, agora já com o PS com maioria relativa e um recuo das posições eleitorais do PCP e PEV. A partir daqui, foi reduzindo a capacidade interventiva das forças à esquerda do PS, com maior dificuldade em fazer vingar as suas propostas, face a um PS uma vez mais voltando à sua matriz política de origem e de subserviência aos ditames da União Europeia que nunca havia realmente abandonado. Ao longo deste período, que se desenrolou a par da Pandemia de Covid19, foi ainda assim possível alcançar avanços ao nível das pensões e salário mínimo, por exemplo, muito embora se tenha assistido à degradação constante do Serviço Nacional de Saúde e da Escola Pública e todos os níveis de ensino. Entretanto, o PS foi usando a nova correlação de forças para progressivamente recusar quaisquer soluções em benefício do povo e dos trabalhadores, aumentando a sua subserviência face a Bruxelas e interesses do grande patronato. Finalmente, já no final de 2021, no quadro da negociação do Orçamento de Estado para 2022, o PS recusou qualquer negociação com o PCP, consistentemente deturpando as posições do Partido, acusando-o da sua própria intransigência e, apoiado pelo Presidente da República, viria a forçar a reprovação do Orçamento de Estado e consequente – mas não necessária – convocação de eleições para a Assembleia de República.

Estas eleições – num quadro de mistificação e deturpação das reais posições do PCP e do que levou à convocação de eleições, de apelo ao voto útil e dramatização da ascensão da extrema-direita – vieram configurar uma **nova situação política**, agora com a maioria absoluta do PS, a queda acentuada do PCP e o desaparecimento parlamentar do PEV, a par da reconfiguração e crescimento assinalável da direita, com a consolidação de novos partidos de cariz de extrema-direita com nuances mais modernas ou reacionárias. Um quadro que enforma novos desafios à intervenção do PCP que, agora com uma menor capacidade de intervenção parlamentar e institucional, necessita de fortalecer internamente a sua organização e capacidade de intervenção noutros planos.

Paralelamente, o período entre os processos eleitorais de 2019 e 2022 decorre no quadro da **epidemia COVID19**, algo que levantou outros tantos problemas, nomeadamente à imagem do PCP com uma intensa ofensiva política, mediática e ideológica em torno de aspectos da sua actividade, como a Festa do Avante e Congresso, mas de forma mais global quanto a todo o tipo de intervenção pública, como foram exemplo as comemorações do **25 de Abril** e **1º de Maio**, além na verdade de qualquer processo de contestação. Além disso, as próprias medidas de contenção da epidemia vieram colocar enormes entraves às características específicas de organização e intervenção do PCP, que têm na proximidade e contacto o seu vértice norteador.

Já mais recentemente, no quadro da intervenção militar da Rússia na Ucrânia, assiste-se a uma **brutal ofensiva reacionária e fascizante**, não somente anti-comunista mas anti-democrática e anti forças progressistas, assente na mentira, calúnia e difamação, subvertendo e falseando as posições do PCP – por parte dos meios de comunicação social dominante e destacadas figuras públicas e políticas – instigando todo o tipo de ódios com o objectivo por um lado de isolar não somente o PCP mas as forças progressistas em geral e por outro de promoção e branqueamento do imperialismo beligerante da NATO, UE e forças reacionárias.

Este período vê assim ascender ainda mais o **poder de uma comunicação social ao serviço do capital**, em permanente acicatar de todos os medos, promovendo a histeria social, o individualismo e revanchismo, mas também o egoísmo e a inveja, deturpando os reais problemas nacionais e suas soluções, constituindo-se uma das ferramentas fundamentais para a ascensão dos novos partidos de direita e ofensiva fascizante.

É precisamente neste quadro de profundo **agravamento da ofensiva ideológica** que a actividade do Sector Intelectual se desenvolve. Um quadro de afirmação de ideias e valores reacionários e antidemocráticos, de carácter tanto fascizante como neoliberal, de promoção do individualismo e ataque às relações colectivas e à própria ideia de sociedade e contrato social, de desvalorização da Constituição da República Portuguesa e dos direitos, liberdades e garantias no plano social e económico aí consagrados, de desvirtuação do noção de serviços públicos e de promoção da individualização das relações de trabalho e ataque à organização colectiva dos trabalhadores, do incentivo à militarização, guerra e securitismo, entre outras facetas desta brutal ofensiva.

Neste contexto, adquire crescente **importância a organização do Sector Intelectual do PCP**, dos intelectuais comunistas, não como meros trabalhadores qualificados ou militantes a quem em particular caberia a reflexão política, mas pelo contrário, entendido como efectivo sector profissional, dos trabalhadores com actividade no âmbito da produção e circulação de ideias no seu sentido mais amplo. Militantes e organização a que, neste tempo de ofensiva no plano das ideias, se exige um reforço da participação e da intervenção, de reflexão, formação e combate ideológico, de reforço da organização interna e firme e combativa intervenção pública.

Intervenção tanto dificultada como potenciada pelas transformações objectivas, no plano material, de que a ofensiva ideológica é expressão subjectiva e que não se desligam da crise estrutural do capitalismo que, neste como em todos os seus estertores, se lança ao ataque buscando novas formas

170 de apropriação da mais-valia que façam face à crise de sobreprodução e queda tendencial da taxa de lucro.

Transformações estas que, após anos de **ofensiva desprofissionalizante e proletarizante**, conhece agora novos ataques no plano da individualização das relações de trabalho e na ofensiva contra a  
175 organização colectiva, aspectos agravados pela progressiva digitalização do trabalho intelectual. Trabalho este que, desta forma, se desenvolve de formas crescentemente individualizadas e isoladas, com progressiva perda de autonomia e maior rotinização, desvalorização da qualificação, quebra de rendimentos e estatuto social, bem como enfraquecimento da organização e acção  
180 colectivas. Aspectos que, com natural diversidade em cada grupo profissional, incidem sobre o professor e o investigador, o jornalista e o designer, o médico e o enfermeiro, o arquitecto e o advogado, sem excepção.

É portanto neste quadro global de **crise do capitalismo** e aprofundar da sua agressividade, de nova correlação de forças no plano institucional, de profundíssima ofensiva ideológica, de ataque cerrado  
185 às profissões intelectuais e reconfiguração das relações sociais de produção que se desenrola esta Assembleia do Sector Intelectual de Coimbra, cujo debate e conclusões serão fundamentais para a intervenção nos anos vindouros.

190

195

200

205

210

## 1. Áreas de actividade e profissões intelectuais

215

### *1.1 Educação e Ensino*

A educação e o ensino têm vindo a ser alvo de brutais ataques ao longo dos anos. Os últimos anos, de governo minoritário PS, mantiveram **estagnado o nível de financiamento**, não investindo de forma capaz na Educação, na valorização dos profissionais, na resolução dos problemas que os afetam, na melhoria das condições de trabalho nas escolas, na atração de jovens para a docência, na recuperação de outros, já profissionalizados, para o seu exercício, na democratização da gestão, com o correspondente reforço da autonomia, os governos do PS, de António Costa e Tiago Brandão Rodrigues, pouco fizeram para alterar a situação negativa desta determinante área, consagrada como um relevantíssimo direito pela CRP. A questão que, desde logo, se coloca é se existem condições, designadamente ao nível dos recursos (financeiros, humanos, materiais, físicos...) para que a Escola Pública, gratuita e de qualidade, cumpra a missão democratizadora que lhe está cometida, assumindo-se, necessariamente, como escola democrática?

Se olharmos para o que tem sido a evolução da despesa do Estado em Educação, verificamos que, ao longo da década de 90 do século passado, houve um contínuo crescimento em percentagem do PIB. O valor mais elevado foi atingido já em 2002: 5,1% do Produto Interno Bruto (**PIB**). A partir daí, assistiu-se a um decréscimo, baixando, desde então, para menos de **4% a partir de 2015**.

Se as questões financeiras são importantes, pois explicam boa parte do conjunto de problemas que afetam o setor, designadamente ao nível da escassez de recursos, elas não são as únicas. Nos últimos anos, muitas foram as mudanças que se deram, não raras vezes constituindo **retrocessos, tanto educativos, como democráticos**, como é o exemplo a falta de gestão democrática, ou o encerramento de milhares de escolas do 1.º ciclo, nem sempre com alternativas para os alunos deslocados.

Os **exames** ganharam protagonismo, impostos logo a partir do 1.º ciclo, em detrimento de uma avaliação contínua. Essa perspetiva não foi apagada nas duas últimas legislaturas, ainda que tivesse sido diluída com o fim dos exames nos 4.º e 6.º anos de escolaridade.

Outro sinal dos tempos foi o encaminhamento de um número crescente de alunos para as **vias profissionais**. Mais do que um sinal de valorização real, estamos a assistir a mais um processo de crescente transferência de financiamento para fundos europeus determinados e condicionados externamente, onde se incluem salários dos docentes, para fundos europeus, descomprometendo cada vez mais o Estado português.

A “**educação inclusiva**” foi apresentada como outra novidade, destinada a superar as limitações da simples integração. Porém, o que tem sido determinante é a clamorosa falta de recursos nas escolas que impediu que a prática correspondesse à intenção anunciada no preâmbulo do Decreto-Lei publicado em julho de 2018.

255 Em janeiro de 2019 é regulamentada a **transferência de competências** na área da Educação, processo de municipalização imposto, também, à Educação. Esta opção política, que veio transferida do governo Passos Coelho/ Portas, favorece o descomprometimento do Estado central no que respeita ao financiamento da educação pública e o reforço do controlo sobre as escolas, e será caminho para o aprofundamento de assimetrias e, até, para pôr em causa a realização do direito à educação, um dos importantíssimos direitos de caráter universal que a CRP estabelece. A concretização do direito universal à educação não se compadece com capacidades, disponibilidades, vontades e apetências locais, sem desprimor para o Poder Local que vem sendo, desde o 25 de Abril, um instrumento fundamental de efetivação das aspirações das populações. Ao Poder Local, o que é do Poder Local, a Educação e a resolução dos seus problemas são obrigações do Estado central.

265 Em suma foram tempestuosos os tempos vividos na Educação, com mudanças que surgiram sem avaliação do que existia e, quase sempre, em sentido contrário ao que a Escola Pública necessitava e ambicionava.

270

### *1.1.1 Ensino Articulado*

275 Quase dez anos após a Revolução de Abril de 1974, quem pretendesse ter acesso ao **ensino das artes performativas** no nosso país, tinha à sua disposição uma rede constituída por duas escolas públicas – Lisboa e Porto -, uns quantos Conservatórios privados em algumas capitais de distrito e instituições do movimento associativo de que há a destacar as Sociedades Filarmónicas (presentes na quase totalidade do território continental e insular). Importa assinalar que, ainda hoje, ensino artístico significa, quase em absoluto, aprendizagem musical, permanecendo residual o ensino especializado da Dança, das Artes Visuais e do Teatro (cujo curso básico acaba de ser criado).

280 Alargada em meados da década de 1980, a **rede pública de ensino artístico** nunca conheceu uma dimensão (em volume de escolas e distribuição geográfica) que lhe permitisse a implementação generalizada de políticas educativas. No final da década de 1980 dá-se a grande novidade no ensino da Música em Portugal: a criação de escolas profissionais de música no norte do país, beneficiando da presença, ali, de um número considerável de músicos/professores oriundos dos países do leste europeu. A aplicação de metodologias de ensino artístico largamente experimentadas nos sistemas educativos socialistas viriam a ser responsáveis pela considerável melhoria das aprendizagens dos alunos portugueses, que logo viriam a beneficiar da ampliação da oferta de formação superior nas áreas artísticas

290 A grande melhoria na preparação de profissionais/músicos não viria a encontrar no **mercado de trabalho** saídas profissionais para tantos e tão melhores instrumentistas. Com efeito, o endémico **desinvestimento na Cultura**, remetendo-a para soluções de “mercado”, desaproveitou centenas de profissionais, depressa absorvidos pela quase-indústria de escolas de música informais de tipologias diversas. Naturalmente geradoras de melhores aprendizagens e da criação da vontade/necessidade de formação na área artística (pelo acréscimo de conhecimento que os docentes transportam), nestas escolas acolhem-se situações laborais de completa iniquidade e abuso. Quando, em 2009, é alargado o chamado “ensino articulado” (articulando os currículos dos ensinos regular e artístico), a

disponibilidade de mão de obra é enorme. E a expectativa de regularização laboral é grande também. Dir-se-ia, aliás, estarem criadas todas as condições para o alargamento da rede pública, democratizando o acesso ao ensino artístico especializado, para a integração de jovens profissionais na carreira docente, para a solução de assimetrias, para a revitalização de estruturas formais e informais de actividade artística. Mas não foi isso que aconteceu.

Perante a **ausência de iniciativa de criação de escolas por parte de sucessivas equipas do Ministério da Educação**, foram surgindo um pouco por todo o lado, à revelia de qualquer plano de implantação, instituições privadas de ensino artístico, sobretudo de Música mas também de Dança e das Artes Visuais, às quais foram entregues 144 das 162 escolas artísticas do continente português. Multiplicaram-se os casos de corrupção na gestão das escolas, de exploração do trabalho dos profissionais. A coberto da chamada “autonomia pedagógica” inventaram-se currículos alternativos, destinados ao desvio de verbas que deveriam ser aplicadas em remunerações do trabalho e na educação dos alunos. O Estado-garantidor dos interesses dos grupos privados vai certamente resolver o “constrangimento” com a ajuda de instrumentos como a municipalização. E vai continuar a secar o sector da Cultura duros golpes na dotação orçamental.

### *1.1.2 Professores e Educadores*

Os **professores** têm sido um dos grupos profissionais mais sujeitos a ataques nos planos social, profissional e laboral, com medidas que tornam mais difíceis as condições de trabalho, que não promovem a estabilidade, que põem em causa a sua carreira e que, de uma forma geral, desvalorizam a sua condição profissional. Tem havido um continuado caminho de **desvalorização** material que diferentes governos têm promovido, o que vem sendo acompanhado por uma desvalorização também simbólica, alimentada com declarações e atitudes, que visa justificar e facilitar a primeira. Em comum, os governos têm tido o propósito de embaratecer o trabalho docente para acomodar opções políticas por desinvestimento ou investimento insuficiente. Os ataques, muitas vezes desferidos por governantes e suportados por comentadores que não perdem oportunidades para porem em causa o profissionalismo dos docentes, ainda que ostentem clamorosa ignorância acerca do assunto, ganharam violência até aí inusitada no governo do PS de José Sócrates, em maioria absoluta, com Lurdes Rodrigues a ministra da Educação.

A **profissão e a carreira docente sofreram uma ofensiva** profunda, através de políticas que continuam a estar na origem de alguns dos principais problemas que afetam os professores. São de então alguns marcos negativos que perduraram e se acentuaram em matérias como a excessiva carga horária, promovida com ilegalidades e abusos diversos, o trajeto vincado de envelhecimento do corpo docente, resultado da alteração dos requisitos para a aposentação, ou a opção pela precariedade laboral a que milhares de profissionais foram sendo submetidos, alguns durante mais de vinte anos, mas também a abolição, no Estatuto da Carreira Docente, do articulado que, sendo verdade nunca ter sido regulamentado, previa a criação de condições para a fixação de professores em zonas isoladas e desfavorecidas.

Com os governos minoritários do PS e de António Costa como primeiro-ministro, a estratégia foi outra. Nos dois primeiros anos, impulsionadas pela luta, mas também pela pressão do PCP que foi

340 determinante para o afastamento da direita, registaram-se algumas iniciativas positivas. O número  
de professores aumentou, ainda que residualmente no distrito de Coimbra (de 4582 professores em  
206/2017 para 4755 professores em 2019/2020). Todavia, o governo e, no Parlamento, o grupo  
parlamentar do PS, mostraram conviver bem com as medidas mais negativas herdadas em diversos  
domínios da profissão docente, da carreira às condições de trabalho, ou da precariedade e injustiças  
345 dos concursos ao envelhecimento. O mesmo se aplicou a outras realidades que pesam sobre a vida  
das escolas, por exemplo, **o modelo de gestão**, a organização em mega agrupamentos, o regime de  
formação de professores... Assim, os governos do PS, com António Costa e, no Parlamento, o PS  
optaram por manter o que de essencial e danoso tinha sido aprovado pelos anteriores executivos PS  
e PSD/CDS-PP.

350 **A decisão política de não mexer em aspetos essenciais**, como os citados, apesar das implicações  
negativas que daí resultavam para as escolas e para os seus profissionais, levaria a equipa designada  
para a Educação, por opção do governo, a protagonizar um cerrado e prolongado bloqueio negocial  
com os sindicatos, não respondendo a ofícios, não aceitando reunir quando era necessário, não  
355 dialogando, não dando conta da receção de propostas, e, claro, não promovendo a negociação,  
mesmo quando esta foi formalmente desencadeada, nos termos legalmente estabelecidos, pela parte  
sindical. Tomada a decisão política de não resolver qualquer um dos principais problemas  
identificados pelos professores, a estratégia adotada, em grosseira contradição com as permanentes  
invocações do “diálogo social” no discurso político do governo e do PS, foi a de nem sequer  
360 abordar os assuntos, quanto mais estabelecer diálogo e promover negociações.

Contudo há o reconhecimento do papel, da importância e da atitude responsável dos docentes.  
Estudos, promovidos por entidades nacionais, mas, igualmente, de âmbito internacional, têm  
confirmado que é **elevada a consideração dos portugueses pelos professores**. Isto, apesar das  
365 frequentes atrocidades que são propagadas por comentadores e governantes, principalmente em  
momentos em que os docentes defendem e lutam pelos seus direitos e em que ao poder interessa  
depreciar a sua imagem.

Organizações e entidades diversas têm chamado a atenção dos governos para o estado a que chegou  
370 a Educação. De destacar o Conselho Nacional de Educação (CNE) que, através de recomendações e  
pareceres diversos, tem alertado, entre outros problemas, para a situação dos professores. O CNE  
vem chamando a atenção para números assustadores que confirmam o **envelhecimento** e para a  
**sobrecarga** de trabalho a que os professores estão sujeitos, com enorme desgaste, ou colocando  
dúvidas e preocupações sobre a **transferência de competências** para os municípios. Por seu lado, o  
375 Tribunal de Contas, há menos de um ano, chamava a atenção para o crescente desinvestimento em  
Educação e, também, para a insuficiência das políticas públicas para esta área.

Na AR, o PCP tem defendido políticas de promoção da **Escola Pública** apresentado propostas  
destinadas a garantir e elevar a qualidade das respostas para todos, inclusivas e apontando no  
380 sentido da gratuidade do acesso à Educação. O obstáculo primeiro é que os governantes deixaram  
de ouvir quem alerta e quem apresenta propostas para solucionar os problemas. Em aspetos  
essenciais à vida das escolas e à valorização da profissão docente, sempre que foram apresentados  
projetos de resolução ou de lei na AR, o PS votou contra, conseguindo, com a colaboração da direita

385 parlamentar, impedir a aprovação das iniciativas. E quando, excecionalmente, os projetos foram  
aprovados, consumando-se em recomendações ou leis da AR, o governo ignorou ou desrespeitou,  
ostensivamente, as normas e o Parlamento. Um dos momentos de verdadeiro paroxismo deste  
comportamento teve lugar quando o primeiro-ministro António Costa, perante a eventualidade de  
ver aprovada a recuperação do tempo de serviço dos professores, ameaçou com a demissão do  
governo, uma chantagem que colheria frutos por parte de PSD e CDS-PP.

390

### *1.2 Ensino Superior*

O actual contexto do Ensino Superior Público permanece preocupante, com muitas instituições  
perto da ruptura financeira. Os Contratos de Legislação para o Ensino Superior, assinados  
respectivamente em 2016 e 2020 entre o Governo do PS e o Conselho Reitores das Universidades  
395 Portuguesas (CRUP) e o Conselho Coordenador dos Institutos Superiores Politécnicos (CCISP),  
não contrariaram o crónico **subfinanciamento público** deste sector em Portugal. No tecto  
orçamental estabelecido para o primeiro Contrato faltaram pelo menos 7,6 milhões de euros para  
acompanhar o aumento da massa salarial e combater a precariedade através do Programa de  
Regularização Extraordinária dos Vínculos Precários na Administração Pública (**PREVPAP**), cujo  
400 resultado foi profundamente insuficiente, não tendo dado resposta a uma parte muito significativa  
dos trabalhadores, que permaneceram em funções permanentes, com vínculos precários. As verbas  
insuficientes do Orçamento do Estado (OE) não permitem pagar salários, que continuam a ser  
suportados com receitas próprias, nem cobrir despesas de manutenção do património próprio e de  
equipamentos indispensáveis. Esta situação tem facilitado a privatização de uma função social  
405 fundamental do Estado, seguindo uma via mercantilista que a coloca ao serviço do poder  
económico nacional e internacional e não do desenvolvimento do país. A situação de surto  
epidémico de COVID-19 levou a um aproveitamento no Ensino Superior, com o Governo e os  
responsáveis pelas instituições a introduzirem algumas alterações no sistema público que pretendem  
transformar em definitivas. O ensino à distância, cujo incremento a curto prazo já estava previsto no  
410 segundo Contrato e nos OEs desde 2020, é uma destas alterações, inserindo-se nas estratégias da  
União Europeia que têm determinado as políticas nacionais para este sector e que resultam na  
elitização do acesso ao conhecimento.

A colocação das instituições de ensino superior, universitário e politécnico, ao serviço dos interesses  
das potências industriais e financeiras e da competição económica tiveram expressão na **Estratégia**  
415 **de Lisboa**. O Processo de Bolonha antecipou este caminho de desinvestimento público estratégico e  
resultou, como se previa, num aumento das certificações sem efectiva correspondência nas  
qualificações, devido à redução e desestruturação dos planos curriculares e perda de corpo docente.

O Regime Jurídico das Instituições do Ensino Superior (**RJIES**) em vigor e a legislação associada  
configura o quadro legal que coloca mais facilmente a gestão das instituições sob a alçada do poder  
420 económico. Acentuou-se, por isso, a necessidade da revisão do RJIES no sentido de aumentar a  
democracia interna, revertendo a possibilidade do regime fundacional e dotando as instituições de  
meios que, no quadro da sua autonomia e no respeito por regras de bom uso dos recursos públicos,

permitam uma gestão ágil e eficiente, compatíveis com a sua missão na elementar soberania e desenvolvimento nacional.

425 A passagem de universidades públicas para **fundações** de direito privado continua a ensombrar o  
ensino superior. A intensa luta travada em Coimbra para impedir esta alteração na Universidade de  
Coimbra (UC), na qual o PCP muito se empenhou, deu frutos e em Junho de 2018, o Conselho  
430 Geral desta instituição rejeitou o regime fundacional. Esta decisão não teve precedentes. Nenhuma  
universidade que iniciou esta discussão chegou a esta decisão e, em alguns casos, os seus órgãos  
deliberativos contrariaram a oposição expressa das suas comunidades académicas. Esta decisão não  
pode ser desligada da visibilidade dos problemas criados pelas instituições-fundação, que ampliam  
os já existentes no ensino superior, principalmente nos âmbitos das relações laborais e da gestão. A  
precariedade tem aumentado a olhos vistos nas instituições que seguiram este caminho, através da  
435 desregulação das condições contratuais, à margem do estabelecido nos estatutos das carreiras  
docentes e de investigação. É também notório nestas instituições o modo como têm abdicado a sua  
autonomia estratégica, deixando na mão de curadores, que não respondem perante ninguém,  
poderes de decisão final sobre aspectos fundamentais — o regime fundacional vem assim acentuar  
o pendor autocrático do RJIES. O certo é que as fundações são apenas mais um elemento  
440 aproveitado por uma estratégia de controlo privado do ensino público pelos grandes grupos  
económicos que corrói os direitos dos trabalhadores.

A criação de **consórcios** prevista no RJIES ganhou novo fôlego com o consórcio a sul, entre as  
Universidades do Algarve, de Évora, e Nova de Lisboa. Sem pôr em causa os benefícios da  
cooperação entre instituições, esta possibilidade é apresentada como solução economicista para  
445 dificuldades estruturais que necessitam de uma resposta estrutural, responsabilizando o Estado pelo  
ensino superior como função social e direito constitucional.

Relativamente à **investigação** a correlação de forças da Assembleia da República durante o  
primeiro governo minoritário do PS liderado por António Costa, juntamente com a firme luta dos  
trabalhadores científicos permitiu que fosse criado um mecanismo de substituição de bolsas de  
investigação para doutorados por contratos de trabalho. Esse mecanismo, conhecido como Diploma  
450 de **Estímulo ao Emprego Científico**, ou Decreto-Lei n.º 57/2016, continha na sua versão original  
uma abrangência muito limitada, implicando ainda uma perda salarial muito significativa  
relativamente às bolsas para doutorados.

A Apreciação Parlamentar do referido Decreto-Lei, solicitada pelo PCP, permitiu melhorar  
substancialmente a proposta do governo, nomeadamente, não abrangendo apenas poucas centenas  
455 de bolseiros doutorados mas mais de um milhar, na sua **Norma Transitória**, não havendo perda  
anual de vencimento líquido e havendo a obrigatoriedade de abertura de concursos para as carreiras  
após a renovação do contrato para o sexto ano no caso da contratação em funções públicas.  
Contudo, não se conseguiu impedir a criação de uma categoria com remuneração abaixo da de  
Investigador Auxiliar, e sem equivalente no Estatuto da Carreira de Investigação (ECIC), como não

460 se conseguiu plasmar na lei a obrigatoriedade de abertura de concursos para contratos sem termo após a renovação para o sexto ano no caso das contratações em regime de direito privado.

A implementação da lei contou, ainda, com uma enorme obstaculização por parte das instituições, em tudo acompanhada pelo Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas (CRUP), perante a passividade tácita por parte do Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES),  
465 Manuel Heitor, resultando no adiamento da sua implementação que só viria a verificar-se de forma generalizada em 2018, após a publicação do Decreto Regulamentar n.º 11-A/2017 em falta, a 29 de dezembro.

O **Estatuto do Bolseiro de Investigação (EBI)** prossegue como grave entrave ao desenvolvimento científico e constitui uma ferramenta de perpetuação da precariedade do Sistema Científico e  
470 Tecnológico Nacional (STCN).

Paralelamente à implementação da Norma Transitória do referido Diploma, que resultou num grande alívio por parte da maioria dos investigadores bolseiros que, assim, desmobilizaram da luta, o MCTES manteve a existência de **bolsas de pós-doutoramento**, contrariamente ao prometido, habilmente enquadradas pelo Decreto-Lei n.º 65/2018 como passíveis de atribuição de diploma e  
475 assim vistas como bolsas de formação.

### *1.2.1 Docentes do Ensino Superior*

Toda esta realidade tem necessariamente o seu contraponto do ponto de vista laboral. Assim, a **precarização** dos professores das instituições do Ensino Superior tem-se agravado, apesar de um  
480 ligeiro aumento registado nos números de docentes do Ensino Superior no distrito de Coimbra (de 2523 docentes em 2016/2017 para 2823 docentes em 2019/2020).

Aos **docentes deste nível de ensino** é, em síntese, colocado: assumirem quantidades de trabalho docente maiores do que antes, novas responsabilidades e maior quantidade de trabalho de natureza administrativa e de gestão de processos académicos; aumentarem muito a sua produção científica  
485 apesar de terem cada vez menos tempo para a ciência; esperarem cada vez mais tempo por pequenas valorizações remuneratórias porque as subidas de escalão são cada vez mais demoradas ou, então, impossibilitadas por “emergências” orçamentais que se vão tornando crónicas; vencerem dificuldades cada vez maiores para obterem financiamento para projectos de investigação científica.

O progressivo estrangulamento financeiro das instituições de ensino superior (IES), combinado com  
490 uma visão crescentemente neoliberal das instituições, leva ao recurso cada vez mais frequente a **docentes convidados**. Sujeitos a contratos a prazo, auferem remunerações cada vez menores e confrontam-se com a necessidade de estar sistematicamente à procura de alternativas profissionais

fora do Ensino Superior. Assim, o espectro do desemprego afeta também estes trabalhadores e demonstra a crescente precarização desta camada.

495 Nas universidades, vale a pena destacar a situação difícil dos **Leitores**. Estes docentes do Ensino Superior constituem um grupo restrito e com funções muito específicas de ensino da língua de origem em quase todas as universidades portuguesas, alguns há mais de 20 anos, sempre com contratos a termo. Durante anos foram menosprezados, sendo-lhes impostas contratações a tempo parcial com horários de trabalho de tempo integral, tendo-se observado em diversas IES ações tendentes ao seu despedimento. A situação destes docentes foi em boa medida resolvida como resultado de ação sindical continuada e persistente, que culminou num processo negocial de que resultou nova legislação com medidas positivas para a estabilidade laboral dos Leitores, preservando adicionalmente outros direitos, como o da possibilidade de possibilidade de dispensa de serviço letivo para realização do doutoramento e o de isenção de propinas.

505

### *1.2.2 Trabalhadores Científicos*

A **Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT)**, no Concurso para Projetos de I&D em todos os domínios científicos aberto em 2017 obrigou a que todos projetos incluíssem a contratação de um doutorado, resultando em mais cerca de 1600 investigadores contratados a termo. Porém, nas duas edições seguintes, 2020, 2021 e 2022, deixou de existir essa obrigatoriedade, podendo porém incluir-se bolsas de pós-doutoramento ou outras, diminuindo radicalmente o chamado estímulo ao emprego científico. As taxas de aprovação de projetos submetidos a estes concursos rondam os 5-10%, evidenciando a enorme asfixia a que o setor está sujeito. De realçar que a realização de cinco Concursos de Estímulo ao Emprego Científico (CEEC) – individuais (ao qual concorrem individualmente os investigadores), quase anuais desde 2017, e dois CEEC – institucionais (ao qual concorrem as instituições solicitando contratos cujos concursos elas próprias abrirão posteriormente), desde 2018, somados, não atribuem, em média, mais de 400/450 contratos por ano.

520 O **EBI**, de 1999, e já alterado em 2004, é alterado pelo Decreto-Lei n.º 123/2019, restringindo a atribuição de bolsas de investigação apenas quando as atividades de investigação estejam integradas num ciclo de estudos conferente de grau ou diploma não podendo ainda terem obtido doutoramento há mais de três anos.

525 Estas novas restrições à atribuição de bolsas de investigação não foram acompanhadas por medidas conducentes a iguais oportunidades de se prosseguirem os trabalhos através de contratos, resultando assim num novo estrangulamento no SCTN que se encontra com cerca de 13000 bolseiros.

Segundo os dados do **Observatório do Emprego Científico**, em 2018/2019 foram contratados cerca de 2100 investigadores com contratos que poderão ir até um máximo de seis anos e cerca de 1400 com contratos de um máximo de três anos. Neste momento existem cerca de 3400 investigadores contratados a termo certo ou incerto. Dado os CEECs não atribuírem mais que 200 lugares por ano para contratações no nível mais baixo, e não mais que 200 para contratações nos níveis seguintes, níveis esses aos quais terão de concorrer os que procuram um segundo contrato e

os que já obtiveram uma bolsa de pós-doutoramento por três anos, já neste ano de 2022 assistiremos a uma redução de cerca de 1000 investigadores contratados no SCTN, atingindo essa redução os cerca de 2000 até 2024.

A situação é ainda mais dramática quando, através da **FCT**, são atribuídas mais de 1300 bolsas de doutoramento por ano, esperando-se, portanto, pelo menos uma taxa igual de doutorados, aos quais se juntam centenas de bolseiros de pós-doutoramento cujas bolsas terminam, investigadores estes cujas aspirações de continuar na investigação científica se restringem quase exclusivamente aos concursos CEEC com taxas de aprovação apenas da ordem dos 5-10%. É, assim, inevitável o surgimento de uma profunda crise no SCTN já em 2022, incapaz de aproveitar o saber e a formação especializada dos seus investigadores — estejam estes trabalhadores científicos em “formação” ou não —, incapaz de dar resposta às aspirações destes e incapaz de dar resposta às necessidades do SCTN.

### *1.3 Justiça e Acesso ao Direito*

O **Direito e a Justiça** são pilares fundamentais do estado de direito democrático. No entanto, quem trabalha na área da Justiça e quem necessita dos seus serviços, conhece bem a grave situação que aí se vive. Os problemas do sector da Justiça continuam na ordem do dia e afectam todos quantos têm que a ela recorrer para defesa dos seus interesses e direitos: o subfinanciamento do sector (que acarreta inoportáveis custos no acesso aos tribunais), as condições precárias do parque judiciário e prisional, a carência de recursos humanos em todas as áreas e tantas outras limitações, que os sucessivos governos têm deixado agravar, aceitando a degradação das condições de realização da Justiça e da imagem que dela têm os cidadãos.

Na verdade, todas as recentes reformas na Justiça não só não resolveram como agravaram os problemas existentes e apenas visaram a diminuição de custos orçamentais em prejuízo dos cidadãos e do direito destes ao acesso à justiça.

A **qualidade da Justiça** constitui historicamente um dos mais efectivos índices de desenvolvimento e igualdade. Bem como, um poder judicial independente, é, necessariamente, requisito e pilar fundamental do regime democrático constitucionalmente plasmado. Há, então, que defender a autonomia e independência das magistraturas, recusando toda e qualquer intromissão do poder político ou diminuição desta autonomia e independência.

Por tudo isto, reafirmamos que a defesa do regime democrático, o aprofundamento dos direitos, liberdades e garantias, o combate à corrupção e a concretização de uma Justiça independente e acessível a todos, se constituem como pilares essenciais, que devem nortear a definição de políticas capazes de fazer cumprir o projecto Constitucional nas suas múltiplas dimensões: política, económica, social, cultural, ambiental e de independência nacional.

Importa prosseguir a **luta contra a revisão da constituição**, com vista à sua subversão que PSD e seus sucedâneos anseiam e que recolhe simpatia por parte do PS e de outros partidos. Este constituirá um caminho de agravamento dos projectos antidemocráticos que deve ser firmemente combatido por todos os democratas.

Com base nesta premissa, urge **dignificar a função judicial e os tribunais** como Órgãos de Sobe-  
rania, bem como dignificar as magistraturas, os oficiais de justiça, os advogados, disponibilizando-  
lhes meios e condições para o exercício das suas funções.

580 Ao nível da situação específica de cada um dos grupos profissionais que trabalham na justiça, (ou  
em estreita colaboração através de outros ministérios), magistrados, funcionários judiciais, conser-  
vadores, notários e respectivos funcionários e bem assim trabalhadores da Polícia Judiciária (PJ),  
dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras (SEF), da Autoridade de Segurança Alimentar e Econó-  
mica (ASAE) e da Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT) é necessária a valorização das  
585 carreiras em termos de progressão e situação salarial.

Importa também reduzir as pendências e a morosidade processual, sobretudo ao nível da investiga-  
ção criminal e dos tribunais administrativos e fiscais. Para tanto, terá forçosamente de haver mais  
investimento, pois só o reforço do investimento em recursos humanos, infraestruturas, equipamen-  
590 tos e outros meios, permitirá ter uma justiça eficiente e célere.

No mesmo sentido, é fundamental dar efetivo cumprimento ao **Plano Plurianual de Investimento  
na Investigação Criminal**, proposto pelo PCP e aprovado no OE para 2021. Devem, pois, ser con-  
tratados mais profissionais para a investigação criminal, designadamente para a polícia judiciária e,  
bem assim, magistrados do ministério público e magistrados judiciais.

595 O mecanismo do **apoio judiciário** é vital na garantia de acesso de todos ao Direito e à Justiça. A  
definição de um regime justo, com regras facilitadas e capaz de garantir a todos os cidadãos acesso  
efectivo à Justiça, deverá ser entendido como um direito fundamental, mais do que como um ser-  
viço público. Um verdadeiro direito de acesso dos cidadãos à Justiça passa necessariamente pela re-  
visão urgente do regime legal das taxas de justiça e custas processuais, baixando significativamente  
600 o seu valor e alargando os critérios para a sua isenção. Com efeito, os montantes que um cidadão  
tem de despende em taxas de justiça e custas processuais impede que a maior parte dos cidadãos  
aceda aos tribunais e à justiça.

605 Também a **reabertura dos tribunais encerrados** se torna um elemento pilar no garante do acesso à  
Justiça. Na região de Coimbra, a redução de todas as Comarcas a uma, teve como principal con-  
sequência o afastamento dos serviços de justiça das populações locais e a centralização dos proces-  
sos. A tentativa de minorar o problema, com a criação de instâncias locais e secções de proximidade  
que não preenchem o âmbito dos anteriores tribunais, não resolveu o problema. A justiça é assim  
610 administrada mais longe das populações e das micro, pequenas e médias empresas que laboram no  
interior do distrito, acarretando mais custos e tempo em deslocações a tribunal.

É assim premente aproximar a **Justiça** das populações, também com a extensão e reforço dos Julga-  
dos de Paz, através da contratação de mais Juizes de Paz e funcionários.

615 Importa, por fim, concretizar a ideia há muito adiada de construção de um novo palácio da justiça  
em Coimbra, por forma a concentrar num único local todos os juízos e serviços da Justiça, até agora  
dispersos e instalados em edifícios particulares a cujos proprietários o Estado paga avultadas rendas.

### *1.3.1 Advogados*

620

Ultimamente, a advocacia vem sofrendo **profundas alterações**, mas as condições do exercício da profissão têm-se agravado, situação que a recente epidemia acentuou. Muitos advogados laboram quase exclusivamente no acesso ao direito e aos tribunais. Os honorários desses advogados oficiosos são pagos com atraso e as respectivas tabelas não têm actualização desde 2004.

625

A **formação inicial** do advogado ministrada pela **Ordem dos Advogados**, pelos elevados emolumentos a pagar pelo formando, é mais uma fonte de receita para a Ordem do que um meio adequado de formação. Urge adequar a formação inicial do advogado à profissão a exercer, com uma significativa redução de custos. Ao advogado estagiário devem ser devolvidos os serviços de acesso ao direito, em especial, em processos de menores, nas acções cíveis até ao valor de cinco mil euros e nas causas da competência do tribunal singular.

635

Nos tempos que correm, a advocacia tende a concentrar-se em **grandes sociedades** que recorrem a advogados em trabalho subordinado, sem que exista qualquer contrato de trabalho. Isto, contradizendo o estabelecido na lei e no estatuto da Ordem, o livre exercício do mandato forense em regime de profissão liberal. Tal situação leva naturalmente à exploração do trabalho e tem que ser regulamentada através da criação do estatuto do advogado trabalhador em regime de trabalho subordinado, de forma a garantir os direitos dos advogados que laboram sob essa forma.

640

Foi apresentado pelo PS na Assembleia da República (AR) o projecto-lei nº 974/X-IV/3ª que altera a Lei das Associações Públicas e o Regime Jurídico das Sociedades Profissionais sujeitos à Lei das Associações Públicas. Este diploma, entre outras alterações ao regime vigente, permite a constituição de **sociedades multidisciplinares**, onde se associem profissionais de várias áreas.

645

Nesse diploma prevêem-se **alterações nocivas aos advogados**, a saber: a figura obrigatória do "provedor dos destinatários dos serviços"; a avaliação final do estágio por júri externo, integrando personalidades que não sejam membros da associação; a existência de um órgão de supervisão semi-externa; a existência de um órgão disciplinar, integrando membros alheios à associação pública profissional.

650

Tais figuras antevêm-se prejudiciais para a justiça e para os cidadãos e afectam a liberdade e independência do exercício da profissão, como decorre do estatuto da Ordem.

655

A criação das sociedades multidisciplinares, além de concentrar ainda mais a actividade dos advogados, agora em entidades não detidas por advogados, irá acentuar a **precarização da profissão**, colocar problemas de ordem deontológica, afectando nomeadamente a independência e autonomia e irá permitir o acesso a informações confidenciais a entidades comerciais. Mais se entende que a interferência de entidades exteriores aos advogados, concretamente ao nível deontológico, é prejudicial ao exercício da profissão e também ela não traz qualquer benefício aos cidadãos e à Justiça.

660

Ao nível da **protecção social e previdência**, há que pugnar pela alteração da situação vigente que revelou não estar à altura dos desafios mais recentes decorrentes da epidemia e não ter soluções para os problemas dos advogados, designadamente pela inexistente ou escassa protecção social em muitas situações. Assim, seja através da integração da Caixa de Previdência dos Advogados e Solicitadores (CPAS) na Segurança Social, seja através de uma reforma da CPAS, há que garantir

aos advogados uma efectiva protecção social em todas as eventualidades além da garantia da reforma.

665 Nos primeiros três anos de exercício, importa ainda repor a isenção de contribuições para a Previdência, com a opção do respectivo pagamento posterior, se e quando requerido pelo advogado. Importa ainda escalonar as contribuições de modo a tornar o respectivo pagamento comportável por quem inicia o exercício da profissão.

670

#### *1.4 Cultura e Artes do Espectáculo*

No sector da Cultura, prosseguiram as políticas de sub-financiamento e desresponsabilização do Estado que vinham sendo desenvolvidas e que os seis anos de governo do PS não inverteram.

675 Aprofundam-se os caminhos de **mercantilização dos bens culturais** e de **elitização** do acesso à Cultura, sendo o desenvolvimento das chamadas “indústrias culturais” e “indústrias de conteúdos” parte integrante desta tendência. A cultura é assim reduzida a um sector da produção e troca de mercadorias entre outros, explorando as necessidades da ocupação dos “tempos livres” configuradas pelo capitalismo. Esta situação faz aparecer novas áreas de lucro potencial (e também de

680 aculturação e disseminação dos valores da ideologia dominante) nas quais o capital participa como mecenas da cultura, nomeadamente com o aval do Estado que assim se nega a cumprir o seu papel no campo da cultura tal como está definido na Constituição da República Portuguesa.

Ao mesmo tempo, associa-se e faz-se depender o financiamento de estratégias alheias à Cultura, sendo uma das suas principais manifestações a submissão à estratégia turística - a chamada **turistificação**, da Cultura e do património. No **património material imóvel**, a desresponsabilização do Estado tem consequências dramáticas, submetendo-o a autonomia do Património Cultural à lógica do mercado, à lei do lucro e à selectividade ideológica, sendo o Património visto como um valor transaccionável que o Estado se dispõe a privatizar — aí está o “Programa Revive” para o compro-

690 var. Também nos Museus a situação se agrava, com um progressivo subfinanciamento, com impacto nos preços praticados, nos horários de abertura ao público, e na conservação e restauro, fenómeno agravado pelas políticas de municipalização.

Os valores atribuídos no **Orçamento do Estado** ao sector da Cultura mantêm-se em níveis de total indigência, como revelam os 0,33% que eram previstos pelo PS para o OE de 2022, OE que veio a ser chumbado.

695

Só a institucionalização de um **Serviço Público de Cultura** pode garantir o acesso à criação e fruição culturais em todo o País, de todos os sectores das artes e do património cultural material e imaterial, nacional ou regional, erudito ou popular, factores da identidade, da história e da soberania nacionais. Para tal é necessário um aumento significativo do financiamento, a partir do Orçamento do

700 Estado, com a atribuição de pelo menos **1%** à Cultura. A construção e implementação deste Serviço Público de Cultura não será possível sem financiamento adequado, mas a existência desse financia-

mento não será suficiente se não for acompanhada de uma definição de política cultural do Estado, de democratização do acesso à criação e à fruição, como aquela que propomos.

705 No **plano municipal**, o orçamento municipal para a Cultura é francamente insuficiente e continuam a faltar espaços de acolhimento e ensaio para diversos grupos, situação agravada pelas exigências da epidemia.

710 Apesar da aprovação, em 2019, de um novo **regulamento de apoio ao associativismo**, continua a não existir distinção entre organizações de natureza profissional e organizações de lazer e recreio, o que gera desigualdades e critérios de avaliação desajustados que, além do mais, são conhecidos apenas com o aviso de abertura de cada concurso e não antecipadamente, como defendeu e propôs o PCP durante a discussão pública do documento.

715 Continua por definir um modelo de gestão adequado do **Convento de S. Francisco**. No imediato, é urgente proceder à regularização dos vínculos e condições de trabalho da equipa necessária ao seu funcionamento. E, no entender do PCP, qualquer modelo que venha a ser encontrado tem de assegurar a natureza pública do financiamento e da gestão, integrada numa política cultural baseada na noção de serviço público, que assente no conhecimento, respeito e acompanhamento do trabalho desenvolvido pelo tecido cultural; e que entenda a cultura, as artes e o património como elementos de promoção da democratização do acesso à cultura e não como elementos de animação e promoção turísticas, cujo sucesso se afere pela taxa de ocupação hoteleira.

720 Num momento em que a cidade aguarda uma primeira decisão sobre as candidaturas a Capital Europeia da Cultura, o PCP reafirma o conjunto de elementos que tem trazido para a discussão pública sobre esta matéria, tendo como ponto de partida a recusa de um modelo festivo de evento. A candidatura de Coimbra a Capital Europeia da Cultura pode ser uma oportunidade para ajudar a corrigir e reverter anos de carências na política cultural da cidade. O que se faça nesse sentido pode ter resultados, mesmo que a candidatura não venha a ser vencedora.

730 Há muito que o PCP se batia pela criação de um **Conselho Municipal Cultura**, entretanto criado. Importa que ele ganhe vida e seja realmente um espaço de debate e participação na definição das políticas culturais —é com esse empenho que temos defendido e proposto uma gestão democrática que envolva os agentes culturais e valorize a sua actividade.

#### *1.4.1 Trabalhadores das Artes*

735 O sector das artes do espectáculo vem sendo alvo de continuados ataques pela política de direita de sucessivos governos, nomeadamente a nível do financiamento, conduzindo a uma degradação generalizada das condições de trabalho e emprego, à destruição de estruturas culturais e artísticas, à redução de trabalhadores nas que se mantêm – a par de despedimentos – e à desprofissionalização

de entidades. Infelizmente este diagnóstico de subfinanciamento mantém-se apesar da engenharia orçamental do actual governo PS que aumentando financiamento aumentou também as cativações.

740 Este continua a ser um sector caracterizado pela **precariedade, desregulamentação de salários e horários** e pela instabilidade laboral provocadas pelo subfinanciamento crónico e com o uso generalizado de recibos verdes, com o correspondente empobrecimento dos seus trabalhadores.

A pandemia da Covid 19 veio clarificar e reforçar a precariedade laboral a que estes trabalhadores já estavam sujeitos e deixando-os numa situação de muito **pouca ou nenhuma protecção social**. A maioria dos trabalhadores dos espectáculos (cerca de 67%) não têm contratos de trabalho e foram os primeiros a terem as suas actividades suspensas. Os baixos salários tornam impossível manter uma subsistência à base de poupanças. Sem apoios expressivos por parte da Segurança Social durante mais de um ano, cerca de um terço destes trabalhadores foram obrigados a abandonar a sua

745

750 profissão. Embora a pandemia seja uma situação pontual e extraordinária para muitos a suspensão de actividade existe todos os anos, navegando ao sabor do financiamento existente e da falta de vontade de muitos empregadores de criarem laços laborais contínuos e estáveis com os seus trabalhadores.

755 Neste sentido o actual governo criou no último ano um **Estatuto do Trabalhador do Espectáculo** que embora pretendesse diminuir a precariedade no sector vem antes oferecer novas formas de exploração destes trabalhadores que ficam a partir do próximo ano sujeitos a um regime específico em muitos aspectos pior do que a lei geral do trabalho. A diversificação do trabalho a recibo verde ou prestação de serviços ou o reconhecimento do trabalho intermitente como algo desejável e particular do sector vem alimentar a mentira de que estes trabalhadores não precisam de ter

760

actividade continua e não preenchem necessidades essenciais e permanentes nas estruturas onde trabalham.

Finalmente, num sector onde são frequentes os acidentes de trabalho, os **regulamentos e a fiscalização da segurança e higiene** no trabalho são raros, e a falta de apoios à manutenção dos

765

equipamentos agravam riscos e condições de trabalho.

Em Coimbra existe um pequeno aumento de trabalhadores fixados na região com o esforço de algumas estruturas independentes para diminuir a precariedade dos seus trabalhadores mas sempre na dependência do valor e da frequência do financiamento que recebem. Existe no entanto a fixação

770

de trabalhadores com contratos sem termo particularmente em resposta a necessidades permanentes nas áreas de mediação e técnicas (produção, administração, direcção técnica, técnicos de som e luz). As áreas artísticas (interpretação, cenografia e figurinos, luz, som e audiovisual) continuam a ser as mais afectadas pela precariedade continuando a existir uma maioria de trabalhadores a recibos verdes.

775

Os **salários**, mesmo dos trabalhadores contratados, não correspondem ao número de horas de trabalho e continua a existir uma grande desregulação de horários. Como consequência a maioria dos trabalhadores da cultura vêem-se obrigados a ter duas actividades paralelas, sendo que, em Coimbra, a segunda actividade está maioritariamente ligada ao ensino e formação profissional.

780

Muitos deles encontram no ensino o contrato que nunca tiveram no seu sector de origem, o que lhes

permite manter os pagamentos à Segurança Social e alguma protecção na saúde, mesmo que temporariamente.

785 Continua a ser fundamental **aprofundar a intervenção do PCP** no debate e discussão com os estes  
trabalhadores, no sentido da sua consciencialização, esclarecendo o seu papel na luta e a exploração  
de que são alvo, e preparando-os para o combate político e ideológico. Foram dados passos  
importantes neste sentido a cada momento do trabalho do partido mas era desejável que se  
mantivessem conversas abertas e contínuas com estes trabalhadores no sentido de diminuir o seu  
790 isolamento político que os torna muito vulneráveis a pressões e manipulação patronal,  
particularmente durante a aplicação do novo Estatuto do Trabalhador do Espectáculo prevista para  
2022. É pois imprescindível o contacto pessoal e consistente com estes trabalhadores no sentido do  
reforço da sua luta e da sua inclusão na luta mais alargada dos outros trabalhadores.

795

## **2. A Intervenção social dos intelectuais, as suas organizações e a acção do Partido**

### *2.1 A Luta e a ligação às massas*

Os trabalhadores e **profissões integrantes das camadas intelectuais** prosseguem a sua luta em  
defesa da melhoria das condições de vida e contra as políticas já descritas que atentam contra a  
800 dignidade dos trabalhadores. É cada vez mais notório a presença dos trabalhadores intelectuais nas  
lutas de todos os dias, trata-se de trabalhadores científicos, trabalhadores das artes, da cultura e do  
espectáculo, da tecnologia, da educação e do ensino – trabalhadores intelectuais que assumem o seu  
papel no firme combate contra a mercantilização do seu saber e na crescente desvalorização das  
profissões intelectuais que valendo intrinsecamente, são também a garantia do desenvolvimento  
805 económico, social e cultural do país.

É de destacar algumas lutas, que representaram momentos importantes para os trabalhadores,  
nomeadamente as manifestações dinamizadas pelo Manifesto em Defesa da Cultura, que teve  
também expressão de rua no distrito de Coimbra, envolvendo muitos camaradas e muitos  
democratas na reivindicação de **1% do OE para a Cultura**.

810 Destaque também para a luta dos **bolseiros de investigação** pela dignificação do trabalho e dos  
trabalhadores científicos, pela prorrogação das bolsas de investigação em resposta aos  
constrangimentos decorrentes da epidemia, com acções de rua em vários pontos do país, incluindo  
Coimbra, junto à Universidade. Os bolseiros de investigação, bem como os investigadores  
estiveram também envolvidos nas manifestações de Docentes e Investigadores, bem como nas  
815 manifestações da Administração Pública. A **luta dos investigadores bolseiros** foi particularmente  
intensa na Universidade de Coimbra, tendo sido igualmente intensa a atividade da organização do  
Partido, tendo-se, inclusivamente editado e distribuído três boletins “Con[s]ciência” do subsector.

Os **professores** têm participado e dinamizado várias acções de luta, seja a greve ao trabalho  
extraordinário, o assinalar do dia do Professor (5 de Outubro) nas ruas, e em protesto, as várias  
820 manifestações ocorridas junto ao local de reunião do Conselho de Ministros, todas as quintas-feira,  
durante o mês de Maio de 2021, bem como as várias greves, manifestações e momentos de luta pela  
dignificação da carreira docente e pela valorização dos salários e carreiras.

Também os trabalhadores do sector da **justiça** têm lutado, nomeadamente no sentido de abrir caminho a uma alteração ao actual regime de contribuições dos advogados e solicitadores, não só através de acções de rua mas também pela realização de um referendo aos advogados.

Cabe aos **comunistas e ao seu Partido**, o Partido Comunista Português, cumprir decisivamente para a organização dos Intelectuais Comunistas, nomeadamente através do Sector Intelectual, providenciado-lhes as ferramentas necessárias para o **desenvolvimento do debate de ideias**, de esclarecimento, e de atracção de mais trabalhadores intelectuais reforçando a luta e a sua participação activa no combate dos nossos dias.

## *2.2 Organizações sindicais*

Num contexto de profundo ataque ao movimento sindical de classe, com uma estratégia concertada de condicionamento do exercício de direitos sindicais, como é exemplo o direito à greve e o direito à contratação colectiva, surgem renovadas tentativas de silenciamento e minimização do papel insubstituível e da autonomia do movimento sindical unitário. A CGTP-IN permanece como única garantia da defesa intransigente dos direitos da classe trabalhadora.

A intervenção dos comunistas no movimento sindical de classe, junto com trabalhadores com ou sem filiação partidária e com diferentes sensibilidades políticas e ideológicas é essencial. Os comunistas têm aqui um contributo e um papel essencial, sendo reconhecidos entre os seus pares pela defesa firme e coerente em defesa dos trabalhadores e do povo.

O **SPRC** tem defendido de forma combativa os direitos dos educadores e professores, nos vários graus de ensino. Os comunistas participam nesta organização, tal como noutras, concretizando a defesa dos interesses destes trabalhadores nos locais de trabalho, designadamente nas escolas e nas instituições de ensino superior em Portugal.

Nas escolas, o SPRC tem lutado pela resolução de problemas persistentes, que a pandemia evidenciou, com vista em especial à recomposição da carreira, a vínculos laborais estáveis, a horários de trabalho regulares, a mais contratações e ao rejuvenescimento da profissão. Nas universidades e nos institutos politécnicos, o SPRC tem pugnado pela valorização das carreiras, pelo combate à precariedade laboral e pela democratização das instituições.

Mantém-se a necessidade da defesa empenhada da **Escola Pública**, democrática, de qualidade, inclusiva e gratuita, depois da redução dos contratos de associação em 2016, repondo a legalidade e a boa utilização de dinheiros públicos. O mesmo se aplica às instituições públicas de ensino superior e investigação, onde deve ser combatida a influência dos interesses privados dos grandes grupos económicos.

Também para os **trabalhadores da cultura**, o sindicalismo de classe se assume como meio imprescindível de organização, consciencialização, luta de massas e transformação das condições de trabalho e emprego. O dia 15 de Maio de 2017 marcou a tão desejada fusão do CENA e do STE no novo Sindicato dos Trabalhadores de Espectáculos, do Audiovisual e dos Músicos - **CENA-STE**. A

opinião e o compromisso dos trabalhadores com esta decisão dão-nos a garantia de ter sido esta a decisão que melhor respondeu à gritante e contínua perda de direitos laborais e sociais.  
A realidade do sector é um desafio permanente na busca de novas estratégias que façam convergir as diferentes lutas. A fusão dos sindicatos mostra que a unidade é uma questão central mas mostra também que é essencial estar nos locais de trabalho, agir junto dos trabalhadores, ouvir e intervir.

Tem sido pela afirmação do carácter de classe da CGTP-IN, da afirmação dos princípios da central unitária, democrática, independente e solidária que se tem reforçado o carácter de massas. São esses os princípios que fizeram com que desde a fusão o sindicato tenha recebido perto de 400 novos associados a nível nacional e 20 em Coimbra, acrescentando um terço à nossa implantação.

O sindicato continua a traçar um caminho de **aumento da representatividade** e de eleição de representantes dos trabalhadores, conquistando assim espaço nos locais de trabalho onde já actuava mas chegando também a novos locais e regiões do país. Hoje o sindicato representa trabalhadores em mais regiões, sendo cada vez mais um sindicato de âmbito nacional. Este caminho é também o de combater a ofensiva ideológica que se instalou no sector sobre a precariedade e por isso é importante o reforço da intervenção junto dos trabalhadores, esclarecendo e propondo, seja no plano das estruturas do estado, seja nas chamadas estruturas independentes para que a cada posto trabalho permanente corresponda um vínculo trabalho efectivo.

Em Coimbra, deram-se passos fundamentais na realização de acções de divulgação e esclarecimento junto destes trabalhadores, que reforçaram a sua unidade e permitiram ao movimento sindical, aumentar o conhecimento dos direitos destes trabalhadores. O núcleo de Coimbra do CENA-STE reúne regularmente com os seus associados e mantém um trabalho contínuo de esclarecimento junto de escolas profissionais e estruturas independentes. Como reflexo da luta nacional, a solidariedade entre os trabalhadores dos espectáculos e audiovisual tem vindo a aumentar e foi possível levar a luta para rua em três momentos diferentes (dois deles durante a discussão dos Orçamentos de Estado para a cultura) durante os últimos dois anos, em defesa de contratos de trabalho e mais financiamento à cultura.

### 2.3 Outras organizações de carácter sócio-profissional

A longa luta do Partido em defesa dos bolseiros de investigação, por nós entendidos como trabalhadores científicos, que sempre acompanhou as lutas e reivindicações da **Associação dos Bolseiros de Investigação (ABIC)**, que em Coimbra contou com um grande dinamismo e empenho do trabalhadores científicos comunistas que estiveram profundamente envolvidos nos momentos essenciais da luta dos bolseiros de investigação científica.

A ABIC procura garantir condições dignas para os trabalhadores científicos, partindo da premissa que cada trabalhador deve ter acesso a um contrato de trabalho. A ABIC tem dinamizado um importante trabalho na denúncia de graves ataques aos direitos destes trabalhadores e da forma abusiva como as Instituições de Ensino Superior têm utilizado o Estatuto do Bolseiro de Investigação Científica para suprir necessidades permanentes. A ABIC tem um papel essencial na

defesa e na garantia de cumprimento dos direitos dos bolsеiros e na luta pelo acesso a uma carreira e na dinamização do próprio SCTN. Os bolsеiros de investigação científica comunistas devem prosseguir a sua acção e intervenção na ABIC, reforçando as suas fileiras.

### 905 3. O Partido: intervenção e tarefas

Um **Partido forte e reforçado**, assente numa organização forte e estruturada de acordo com as necessidades de intervenção e com a realidade concreta são **factores essenciais** ao desenvolvimento da luta de classes. A militância como factor base do desenvolvimento da actividade diária do Partido é indispensável para percorrer o caminho da transformação da sociedade que almejamos enquanto Partido Comunista profundamente alicerçado nas massas. Neste quadro importa destacar o papel essencial dos intelectuais comunistas na luta social, impulsionado também pela crescente proletarização das profissões intelectuais e pela opção de classe que, independentemente disso, tomaram havendo a partir desse ponto a transformação do indivíduo, política, ideológica e social e a transformação do colectivo onde este se insere. A integração dos intelectuais comunistas no movimento operário, uma realidade tão antiga como a própria luta de classes, é essencial para, assumindo o seu lugar no combate, estar na vanguarda da transformação social, fazendo da arte, da cultura, da ciência e da técnica ferramentas e caminhos para a construção da cultura integral do indivíduo, participando e avançando na luta por uma sociedade sem classes e contribuindo para alargar as fileiras, através do reforço do seu Partido de classe, da classe que assumiram como sua.

#### 3.1 Trabalho de direcção

925 O organismo de direcção tentou desde a última Assembleia de Organização até agora responder às objectivos traçados, bem como ao desenvolvimento da situação política e social que o país atravessou ao longo dos últimos 5 anos. O **organismo manteve actividade regular**, com a participação relativamente regular dos seus membros, à excepção de situações, que representando casos esporádicos e justificados por alterações de carácter pessoal e profissional não constituem preocupação de maior para o desenvolvimento do trabalho. Manteve-se o funcionamento mensal tal como assinalado na última Assembleia de Sector, que importa manter, devendo caminhar-se para uma planificação anual das reuniões, que permita uma melhor intervenção dos quadros envolvidos. Da mesma forma a planificação anual de tarefas pode ajudar no desenvolvimento do trabalho, não obstante as necessidades e tarefas que se colocarão, cuja resposta terá que ser dada a curto prazo.

935 Desde a última Assembleia de Organização foram dados passos importantes na **responsabilização de quadros**, trabalho que importa prosseguir. A responsabilização dos camaradas deste organismo (mas não só) por tarefas específicas e não apenas esporádicas resultará no reforço da estrutura e implantação do Partido, no aumento da militância, na formação do quadro e no desenvolvimento geral da luta. Torna-se essencial definir no início do decurso da actividade da próxima direcção de sector a responsabilidade de cada camarada lá inserido e as tarefas que lhe serão confiadas,

nomeadamente a responsabilização pelos sub-sectoros, com o devido controlo de execução e acompanhamento político por parte do próprio organismo.

945 É necessário continuar a tomar medidas no sentido da **garantia da autonomia e independência**  
**financeiras**, na garantia de formação integrada dos quadros do Partido, a partir da oferta  
programada e regular de cursos de formação ideológica (em estreita colaboração com a Escola do  
Partido), mas também pela leitura e estudo, e pela construção da própria propaganda,  
nomeadamente através da Revista do Sector “A Fábrica”, cujo desenvolvimento e regular tiragem  
950 constitui objectivo de futuro.

### 3.2 Organização do Partido

O sector intelectual divide-se em vários **subsectores** de actividade profissional de acordo com a  
955 realidade dos militantes e da intervenção do Partido nos vários sectores. A organização do Partido  
está também dividida em **células** de acordo com o local de trabalho, trabalho que tem vindo a ser  
aprofundado nos últimos anos.

#### 3.2.1 Os subsectores

960 O subsector dos **Advogados** teve actividade mais ou menos regular, tendo um camarada  
responsável definido e tendo efectuado discussão dos principais problemas que afectam o subsector  
e das medidas apresentadas pelo Partido e da sua intervenção, bem como a ligação ao movimento  
unitário onde participam membros do Partido.

965 O subsector informal da **Cultura** reuniu e teve intervenção concreta e regular com a designação de  
um responsável. O trabalho teve um avanço significativo nos últimos anos que importa manter e  
continuar a melhorar, nomeadamente na articulação com os independentes e na recolha dos seus  
contributos para a construção dos programas e das intervenções e propostas do Partido. Devem ser  
dados passos no sentido da formalização do subsector com a inclusão dos camaradas profissionais  
970 da área, devendo também reunir com mais camaradas sempre que a realidade e as tarefas o  
justifiquem.

O subsector do **Ensino Superior** tem reunido, apesar o de o não fazer com a regularidade desejada,  
tendo esta dificuldade sido colmatada com a criação da célula da Universidade de Coimbra, que  
apesar de ter diferente âmbito, reúne alguns dos mesmos camaradas e permite a sua participação  
975 activa na vida do Partido. Tem-se tentado tomar medidas no sentido da responsabilização de  
camaradas que possam ter um papel importante no desenvolvimento do trabalho partidário no  
Ensino Superior.

O antigo subsector dos **Bolseiros** deixou de ter actividade por via da integração da maior parte dos  
militantes nos outros sectores (nomeadamente ficando como investigadores integrados no subsector  
980 do Ensino Superior). Considerando o contexto actual a reflexão vai no sentido da integração destes  
camaradas no subsector do Ensino Superior, que deverá denominar-se **Ensino Superior e**  
**Investigação**, sem prejuízo da atenção dada à realidade concreta dos bolseiros. Sempre que possível  
e necessário os bolseiros devem reunir para discussão dos problemas concretas e de formas de  
intervenção que possam dar resposta às aspirações destes trabalhadores, devendo para isso existir

985 um grupo de trabalho dos bolseiros, ajustado às possibilidades da organização do Partido e às reivindicações concretas.

O subsector dos **Professores** reuniu com pouca regularidade, tendo dificuldades identificadas que importa conseguir ultrapassar para melhor responder às exigências que a realidade coloca. Importa manter um calendário de reunião antecipado e trabalhar para a responsabilização de militantes por esta frente de trabalho.

990 O subsector dos **Professores Aposentados**, que tem vindo a crescer por via da passagem dos quadros do subsector do Ensino Superior e dos Professores para este tem apresentado grandes dificuldades no contacto e envolvimento. Terão que ser tomadas medidas para o envolvimento destes camaradas no trabalho regular do Partido, devendo ser encetados esforços no sentido da responsabilização de um camarada responsável por esta frente de trabalho.

### 3.2.2 As Células

1000 Desde a última Assembleia do Sector, foram criadas as condições necessárias para a fundação de duas novas células: célula dos trabalhadores da Escola Artística do Conservatório de Música de Coimbra e célula dos trabalhadores da Universidade de Coimbra.

A célula do **Conservatório** é composta por professores comunistas do ensino artístico desta instituição e tem mantido actividade constante com a edição regular de um Boletim, divulgado pelas redes sociais, mas difundido também no local de trabalho, fazendo-nos através da conversa e do convencimento chegar a mais trabalhadores, que vendo-se reconhecidos nas reivindicações e lutas dos comunistas, se aproximam do Partido, contribuindo até agora para o desenvolvimento do trabalho político unitário, sendo também desejável que possam contribuir para o próprio reforço do Partido.

A célula da **Universidade de Coimbra** é composta por trabalhadores do Sector Intelectual e por trabalhadores organizados no Sector da Administração Pública Central. Esta célula foi criada pela necessidade de organizar estes trabalhadores de acordo com o seu local de trabalho, de acordo com as orientações gerais para o desenvolvimento da luta de massas. A realidade e as necessidades concretas estimularam a existência desta célula, que apesar da sua complexa criação, tem conseguido manter actividade e intervenção regular.

1020 Deve ser estimulada a formação de mais células, noutros locais de trabalho, onde possam ser criadas as condições para a sua formação e desenvolvimento, por via da existência ou possibilidade de existência de organização do Partido no local de trabalho em questão. As células permitem um maior trabalho de proximidade e envolvimento, respondendo a lutas concretas e possibilitando o enraizamento do Partido nas massas.

1025 *3.3 Trabalho político unitário*

O trabalho político unitário é essencial para a construção e desenvolvimento da luta. Têm sido dado  
passos importantes nesta frente de trabalho, que importa manter e alargar, no entanto, a pandemia  
1030 Covid-19 travou em certo ponto o caminho que estava a ser traçado, não o impossibilitando, mas  
causando dificuldades acrescidas, tendo também reflexos na restante actividade partidária.

Continuam a ser entre os trabalhadores da **Cultura** e do **Ensino Superior**, onde o trabalho político  
unitário tem mais possibilidades de desenvolvimento em Coimbra. É de destacar o trabalho junto de  
1035 independentes que a criação da célula do Conservatório permitiu, em conjunto com o seu boletim,  
trabalho que importa aprofundar, identificando os contactos a realizar e as diversas formas de  
envolvimento possível.

A **Coligação Democrática Unitária (CDU)** continua a ser importante força agregadora, sendo que  
1040 os apoios à CDU em períodos eleitorais são a materialização de uma aproximação de muitos  
unitários à luta de massas, e é também uma maneira de alargar a rede de contactos. É imprescindível  
a responsabilização de todo o colectivo partidário por trazer mais activistas, envolvendo-os na  
discussão, contribuindo para o reforço da luta, mas também, para o reforço do Partido, seja de  
forma directa através do recrutamento, seja através do enriquecimento da discussão e construção de  
1045 iniciativas.

Foi possível desde a última Assembleia do Sector realizar uma lista de contactos **independentes**  
que têm sido regularmente abordados, seja para alargar o leque de activistas CDU, seja para  
contribuir activamente para o conhecimento do Partido das diferentes realidades onde estes  
1050 contactos estão inseridos.

Continua válido o objectivo central e permanente de levantamento em todos os subsectores e células  
de nomes a abordar para **contactos regulares** motivados por questões políticas de carácter geral,  
questões sectoriais ou convites para integração ou dinamização de iniciativas concretas que possam  
1055 ajudar ao envolvimento, participação e contribuição de independentes. O objectivo proposto de  
realização, pelo menos anual, de reuniões com independentes não terá sido integralmente cumprido,  
pelo que interessa tomar medidas no sentido de colmatar esta falha e assegurar um envolvimento  
dos contactos independentes e o seu contributo. Desta forma e na continuação do trabalho já  
iniciado é necessário responsabilizar os quadros, nomeadamente do organismo directivo, mas não  
1060 só, pelo contacto regular com uma lista definida de independentes, não obstante o seu contínuo e  
desejado alargamento.

### 1065 *3.4 Fundos*

É essencial que o Sector Intelectual mantenha e alargue a **capacidade financeira**, garantindo a  
autonomia e independência e permitindo ao Partido ter uma intervenção mais forte estruturada.

Do ponto de vista da organização é essencial garantir que as **quotas** dos militantes estão em dia, e  
1070 que se coloque a cada camarada o aumento da sua quota em pelo menos um euro,  
independentemente da base onde idealmente inicia de 1% do rendimento. Para tal é indispensável o

sector ter três prioridades essenciais: aumento dos camaradas que recolhem e actualizam quotas; preferência pelo pagamento por transferência bancária; controlo do pagamento de quotas.

1075 Os **contributos** de camaradas e amigos, inseridos em campanhas de fundos, como aconteceu com a  
campanha de fundos “O Futuro tem Partido”, mas também baseadas em objectivos concretos mais  
ou menos imediatos são igualmente essenciais para garantir o regular funcionamento dos  
organismos, tanto a nível central, como regional e sectorialmente. É portanto essencial manter  
1080 actualizada a base de contactos (quem são e quem está em melhores condições de realizar o  
contacto), sendo indispensável ir à conversa com um conjunto alargado de activistas no sentido de  
contribuírem para a intervenção do Partido.

É também desejável que a **capacidade financeira** seja aumentada pela realização de iniciativas, que  
tendo carácter político, possam também servir para recolha de fundos, assegurando o presente o  
1085 futuro de intervenção do Partido. A revista do sector, ainda em construção, além do papel cultural e  
político que desempenhará poderá também ajudar neste propósito.

### 3.5 Informação e propaganda

1090 É essencial conseguir criar e manter uma dinâmica de trabalho que permita a **divulgação do  
trabalho e da discussão** desenvolvida nas células e subsectores, levando as posições do Partido e  
as reivindicações concretas dos locais de trabalho onde há comunistas e onde, não havendo, há  
conhecimento para intervir e esclarecer. É essencial conseguir chegar aos trabalhadores cujos  
1095 problemas são idênticos, e cuja resolução propomos, reivindicamos e lutamos para concretizar.  
Nesse sentido a dinamização de **boletins de célula ou de subsector** surge como uma necessidade,  
onde e quando for possível. Os boletins permitem o envolvimento dos camaradas em tarefas  
concretas e regulares, bem como a divulgação das linhas centrais e reivindicações concretas do  
Partido, também com vista ao seu reforço. É também essencial uma linha de divulgação regular das  
1100 posições do Partido para os militantes e amigos.

Também os já mencionados cursos de **formação ideológica** deverão tornar-se regulares, com a  
tentativa de existência de um curso fixo sobre História do Partido e Princípios Orgânicos, realizado  
duas vezes por ano, para todos os militantes que queiram participar e para permitir o enquadramento  
1105 de novos militantes. Também se deve potenciar a realização de cursos com outras temáticas que  
impulsionem a discussão e a elevação da formação dos comunistas, bem como o envolvimento e  
participação na organização do Partido.

A criação da **revista do Sector Intelectual de Coimbra** “A Fábrica”, constituirá um avanço cuja  
construção está ainda em marcha. Importa trabalhar neste sentido, para garantir que haverá uma  
1110 regularidade na edição desta revista, que permitirá chegar a mais camaradas e amigos através da sua  
construção e, mas também da sua divulgação.